



MICHAELA TRINDADE ALVES

**ESTRUTURA ARGUMENTAL PREFERIDA: UMA ANÁLISE NO  
GÊNERO TIRINHA**

LAVRAS-MG

2019

**MICHAELA TRINDADE ALVES**

**ESTRUTURA ARGUMENTAL PREFERIDA: UMA ANÁLISE NO  
GÊNERO TIRINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Lavras, como parte das exigências do curso  
de Letras Português/Inglês, para a obtenção  
do título de Licenciado.

Profa. Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira

Orientadora

**LAVRAS-MG**

**2019**

**MICHAELA TRINDADE ALVES**

**ESTRUTURA ARGUMENTAL PREFERIDA: UMA ANÁLISE NO GÊNERO  
TIRINHA**

**PREFERRED ARGUMENTAL STRUCTURE: AN ANALYSIS OF THE COMIC  
STRIP GENRE**

Trabalho apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do curso de Letras Português/Inglês, para a obtenção do título de Licenciado.

APROVADO EM \_\_\_\_ DE NOVEMBRO DE 2019.

Prof(a). \_\_\_\_\_

Prof(a). \_\_\_\_\_

Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira

---

**LAVRAS- MG**

**2019**

*A meu pai Edmundo e minha mãe Mara, pelo  
constante incentivo e apoio.*

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora Prof. <sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Mauriceia Silva de Paula Vieira, pela disponibilidade e atenção.

Ao ilustrador Alexandre Beck, por autorizar o uso de suas tirinhas para que esta pesquisa fosse realizada.

À minha família, pelo amor e carinho.

Ao meu namorado e amigos, pelo companheirismo e amizade.

## **Resumo**

Este trabalho investiga a estrutura argumental preferida (DU BOIS, 1985) dos argumentos dos verbos em textos do gênero tirinha. A EAP diz respeito às preferências dos argumentos dos verbos (**S**: sujeito do verbo intransitivo; **A**: sujeito do verbo transitivo; e **O**: objeto direto), com restrições gramaticais (evitar mais de um argumento lexical por oração e evitar **A** lexical) e pragmáticas (evitar mais de um argumento novo por oração e evitar **A** novo). Analisou-se a relação entre os usos das linguagens verbais e não verbais, presentes nas tirinhas, e as restrições da EAP, com vistas a investigar: (i) se a EAP, assim como proposta por Du Bois (1985) aplica-se a textos em que há a presença de várias semioses, como a tirinha; (ii) a função intertextual do gênero tirinha; (iii) a importância dos usos da linguagem verbal e não verbal no gênero tirinha para a produção de sentido. O conjunto do corpus é formado por tirinhas do personagem Armandinho, do ilustrador Alexandre Beck. A partir de uma perspectiva funcionalista da linguagem, o quadro teórico foi embasado em autores como Du Bois (1985; 2003), Neves (1997) e Givón (1985). Os resultados obtidos revelam que a influência das várias semioses presentes nesse tipo de texto implica diretamente nas escolhas da estrutura argumental utilizada na produção do referido gênero.

**Palavras chaves:** Funcionalismo Linguístico; Estrutura Argumental Preferida; Gênero Tirinha; Linguagem não verbal; Argumentos dos Verbos.

**Abstract:**

This paper investigates the preferred argument structure (Du Bois, 1985) of verb arguments in texts of the comic strip genre. PAS concerns the preferences of verb arguments (**S**: subject of an intransitive verb; **A**: subject of a transitive verb; **O**: direct object), with grammatical constraints (avoids more than one lexical argument per sentence and avoids lexical **A**) and pragmatic (avoids more than one new argument per sentence and avoids new **A**). We analyzed the relationship between the uses of verbal and non-verbal languages, present in the comics, and the restrictions of PAS, with a view to investigate: (i) if the PAS, as well as proposed by Du Bois (1985) applies to texts in which there is the presence of several semioses, as the Comic Strip; (ii) the function of the genre Comic Strip intertextual; (iii) the importance of the uses of verbal and non-verbal language in the genre Comic Strip for the production of meaning. The corpus set is made up of comic strips by the character Armandinho, from the illustrator Alexandre Beck. From a functionalist perspective of language, the theoretical framework was based on authors such as Du Bois (1985; 2003), Neves (1997) and Givón (1985). The results show that the influence of the various semioses present in this type of text directly implies the choice of the preferred argument structure.

**Keywords:** Linguistic Functionalism; Preferred Argument Structure; Comic Strip; Non-Verbal Language; Verb Arguments.

## **Sumário**

1. Introdução.....	9
2. Funcionalismo Linguístico .....	10
3. Estrutura Argumental Preferida.....	14
4. Análises .....	16
5. Considerações Finais .....	28
6. Referências .....	31



## 1. Introdução

Ao longo do tempo as línguas sofrem mudanças e surgem novos elementos e novas formas de expor e organizar o texto, baseados no uso efetivo da língua que inclui toda a situação comunicativa. Dessa forma, tendo como suporte teórico a linguística funcionalista, o objetivo geral deste trabalho é investigar as hipóteses da estrutura argumental preferida (DU BOIS, 1985) dos argumentos dos verbos em textos do gênero tirinha.

A Estrutura Argumental Preferida relaciona-se às preferências argumentais dos verbos que os falantes mais usam na língua, e apresenta duas restrições de ordem gramatical e duas restrições de ordem pragmática. A restrição gramatical está relacionada à presença ou a ausência de sintagma nominal lexical nas posições argumentais dos verbos (**S**: sujeito do verbo intransitivo; **A**: sujeito do verbo transitivo; e **O**: objeto direto), que apresentam duas restrições:

- (i) Dominam orações que apresentam apenas um argumento lexical por oração.
- (ii) O argumento lexical é predominante na posição de **S** ou **O**, mas não na posição de **A**.

Em relação às restrições de ordem pragmática, que se refere à distribuição de informação nova nas casas argumentais dos verbos, a EAP apresenta duas restrições:

- (i) Dominam orações que apresentam apenas um termo portador de informação nova por oração.
- (ii) O termo portador de informação nova tende a ocorrer na posição **S** ou **O**, mas não na posição **A**.

Portanto, neste trabalho procuramos investigar: (i) se a EAP, assim como proposta por Du Bois (1985) aplica-se a textos em que há a presença de várias semioses, como a tirinha; (ii) a função intertextual do gênero tirinha; (iii) a importância dos usos da linguagem verbal e não verbal no gênero tirinha para a produção de sentido.

O conjunto do *corpus* é formado por 9 tirinhas do personagem Armandinho, do ilustrador Alexandre Beck. As tirinhas constituem um gênero que abrangem competências discursivas, de oralidade e interpretação que permitem inferências e interpretações de aspectos linguísticos ou não linguísticos. Além disso, este gênero faz uso de diferentes modos de representação para explorar temáticas cotidianas diferentes, como por exemplo, humor, satíricas, reflexões críticas sobre fatos sociais, políticos,

familiares ou econômicos. Por isso, a escolha desse gênero para a análise da EAP está justificada, uma vez que os estudos de Du Bois (1985) estão restritos a textos em que predominam a linguagem verbal.

A metodologia empregada nas análises consiste na observação e descrição dos aspectos linguísticos presentes na tirinha, especialmente a estrutura argumental preferida aplicada a textos que envolvem recursos semióticos. Sendo que nas tirinhas há o uso de linguagem verbal e não verbal para a construção de sentido. Buscamos analisar como estes fatores aliados à função intertextual do gênero e o uso de várias semioses implicam nas restrições gramaticais e pragmáticas da EAP.

Em relação à organização, este trabalho apresenta-se ordenado em três seções. Na primeira seção, apresentamos a bibliografia referente ao funcionalismo linguístico, discutindo sua pertinência bem como os principais estudiosos desta linha de estudos. Na segunda seção apresenta-se a Estrutura Argumental Preferida (DU BOIS, 1985; 2003) e suas restrições de ordem gramatical e pragmática. O conjunto do *corpus*, a metodologia do trabalho, assim como os resultados da investigação são apresentados e discutidos na terceira seção. Por fim, completa o trabalho a apresentação das conclusões.

## **2. Funcionalismo Linguístico**

O funcionalismo linguístico considera que a língua está mudando constantemente a partir do uso, no ato da interação entre os falantes, e que se adapta a mudanças na sociedade. Como mostra Neves (1997, p. 15): “por gramática funcional entende-se, em geral, uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social”.

Diferentemente das teorias tradicionais, como Estruturalismo e Gerativismo que analisam a língua somente através da estrutura gramatical, essa abordagem não se restringe somente à estrutura, mas também “diferentes concepções no que diz respeito aos objetivos da análise linguística, aos métodos nela utilizados e ao tipo dos dados utilizados como evidência empírica” (CUNHA, 2008, p. 157).

Desse modo, é no contexto discursivo que a análise funcionalista busca explicações para as mudanças na língua, ou seja, “buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – as motivações

para os fatos da língua” (CUNHA, 2008, p. 157). Sendo assim, funções externas influenciam na estrutura gramatical, refletindo em uma adaptação às diferentes situações comunicativas em que o indivíduo é exposto. No modelo apresentado por Simon Dik (1989) a língua é vista como um instrumento de interação social, sendo que

a expressão linguística é função: da interação do falante; da informação pragmática do falante; da antecipação que ele faz da interpretação do destinatário. E a interpretação do destinatário é função: da expressão linguística; da informação pragmática do destinatário; da sua conjectura sobre a intenção comunicativa que o falante tenha tido. (DIK, 1989, *apud* NEVES, 1997, p. 20).

Portanto, a expressão linguística é usada como um instrumento pelo falante, no ato da interação verbal, com o intuito de provocar uma modificação na informação pragmática do destinatário.

Assim, no modelo apresentado por Dik (DIK 1989, *apud* NEVES, 1997) a interação verbal, ou seja, a interação entre os falantes através da linguagem é uma forma de atividade estruturada por ser regida de regras, normas e convenções, e é também cooperativa por exigir, ao menos, dois participantes no ato da interação verbal. Dessa forma, no ato da interação verbal sempre há informações pragmáticas entre o falante e o destinatário.

Vale lembrar que na linguística funcionalista não há separação nos níveis de análise, mas sim a integração de todos eles, principalmente dos níveis sintático, semântico e pragmático. Entende-se com Givón (1984, *apud* NEVES, 1997) que a gramática é um sistema ordenado como um organismo, na qual existe uma organização hierárquica. Desse modo, a sintaxe é codificada a partir de dois níveis de análise: a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva). Portanto, a sentença que apresenta somente informações semânticas e não apresenta informações pragmáticas não existe na comunicação entre os falantes, a não ser em contextos isolados e artificiais, com propósito de análise.

Nesse sentido, outro ponto importante nos modelos funcionalistas é a relação entre cognição e linguagem. Segundo Neves (1995, p. 99) “num modelo cognitivista da gramática se supõe que a estruturação das categorias linguísticas se faz dentro dos mesmos princípios que orientam a estruturação de todas as categorias humanas.” Isso

implica que a gramática deve ser capaz de estabelecer relação entre categorias linguísticas e cognitivas.

Dessa forma, podemos encontrar algumas premissas do funcionalismo linguístico que rompem com a tradicional linguística formalista (GIVÓN, 1995, p. 9), como: a linguagem é um evento sociocultural; a estrutura é função cognitiva ou comunicativa; a estrutura gramatical não é arbitrária; variação e mudança estão sempre presentes na língua; o significado depende do contexto; a estrutura gramatical é maleável e não rígida; e a gramática emerge dos usos.

Assim, a partir da perspectiva funcionalista as concepções de análise da língua mudaram muito das concepções tradicionais. As análises passaram a não ser mais feitas somente do ponto de vista gramatical, mas sim considerando as motivações internas e externas para as mudanças da língua. Dessa forma, levando em consideração tais motivações, Michael K. Halliday postula três tipos de funções da linguagem

chamadas de “textual”, “ideacional” e “interpessoal”, a “oração” é a “realização simultânea” de três “significados”: uma “mensagem” (“significado como relevância para o contexto”), uma “representação” (“significado no sentido de conteúdo”) e uma “troca” (“significado em forma de ação”). Enquanto “mensagem”, a oração se compõe de tema – o ponto de partida da mensagem – e rema, a mensagem propriamente dita. O tema é geralmente a peça “recuperável”, ou “dada”, da informação, enquanto o rema é, em geral, a parte “nova”, a parte que o falante apresenta como de impossível recuperação, seja no texto, seja na situação (NEVES, 1997, p. 33).

Em outras palavras, no ato da interação verbal a linguagem se adapta de acordo com a situação comunicativa, assumindo uma função ideacional. A função interpessoal corresponde à maneira como o falante faz uso da linguagem para se organizar e expressar no ato da interação verbal. A função textual diz respeito à criação textual, que torna a interação verbal contextualizada, sendo esta a base para as duas primeiras funções (NEVES, 1997, p. 13).

Sendo assim, a análise funcionalista parte do contexto discursivo entre os falantes para explicar a organização das frases na comunicação. Segundo De Lancey (DE LANCEY, 1981, *apud* NEVES, 1997) no ato da interação verbal, o falante escolhe o que é relevante e o que não é na organização discursiva, não tendo todas as informações do discurso o mesmo nível de importância, caracterizando assim as noções

de fluxo de atenção e de ponto de vista. Como lembra Neves (1997) é o fluxo de atenção que prepara o fluxo de informação.

Portanto, o fluxo de informação está relacionado a questões cognitivas e sociais dos falantes que influenciam na organização do discurso. Chafe (1987) define o fluxo de informação como:

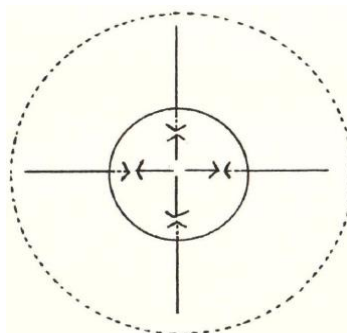
“empacotamentos” que as pessoas fazem do conteúdo ideacional, quando falam. Em outras palavras, mais do que com o conteúdo ideacional do enunciado, o fluxo de informação tem relação com a organização que nele obtêm categorias como “tópico e comentário”, “sujeito e predicado”, “informação dada e informação nova”, ou ainda, “unidades de entonação”, “orações”, “frases” e “parágrafos”. (CHAFE, 1987, *apud* NEVES, 1997)

Tendo em vista as noções de fluxo de informação, Du Bois (2003) também foi responsável por realizar estudos que consideram as motivações internas e externas em que os falantes são expostos. De acordo com o autor entre os níveis gramaticais e discursivos há uma inter-relação a qual foi classificada como Estrutura Argumental Preferida.

Nesse sentido, a partir das motivações externas e internas, a língua não pode ser considerada como independente, mas sim como um *sistema adaptável*. É considerada sistema por ser autônoma e manter certas categorias gramaticalizadas, e adaptável por responder as pressões dos sistemas externos da língua (DU BOIS, 1985).

Dessa maneira, existe uma forte interação entre as forças internas e externas atuando na língua, como apresentado na figura 1.

Figura 1: Motivação externa e interna na língua.



Fonte: Du Bois (1985, p. 361).

Segundo Du Bois (1985) as motivações externas (representadas pelo círculo com linhas pontilhado) penetram na estrutura da linguagem e se encontram com as forças internas (representado pelo círculo com linha contínua) e elas interagem entre si, dessa forma o fenômeno linguístico é visto uma força dinâmica e não como estruturas fixas.

A partir dos temas trabalhados por funcionalistas, Du Bois desenvolve a teoria sobre a Estrutura Argumental Preferida.

### **3. Estrutura Argumental Preferida**

A Estrutura Argumental Preferida (EAP) são as preferências argumentais dos verbos, que os falantes mais usam na língua. Como afirma Neves:

A investigação da “estrutura argumental preferida”, na verdade, diz respeito à verificação do falante por um tipo oracional, considerada não apenas na dimensão gramatical como também na dimensão pragmática, isso porque essa preferência, embora se refira a uma estrutura sintática, tem determinações discursivas (NEVES, 1997, p. 37).

Entendemos, com Du Bois (2003, p. 48), que “a estrutura argumental preferida não representa a estrutura do discurso em si, mas uma preferência no discurso por uma configuração sintática particular de elementos linguísticos, tanto gramaticais como pragmáticos”.

Sendo assim, Du Bois (2003) apresenta três suposições para explicar a relação do discurso e gramática que estão diretamente relacionados à estrutura argumental preferida (EAP). Primeiro, os falantes exploram a estrutura gramatical disponível para alcançar seus objetivos na fala. A segunda suposição diz que tudo o que os falantes realizam no discurso recorrendo a padrões é previsto nas regras da gramática. E a terceira suposição diz que a estrutura gramatical tende a evoluir de acordo com o padrão do discurso, assim as gramáticas codificam melhor o que os falantes fazem mais.

Nesse contexto a Estrutura Argumental Preferida (EAP) apresenta duas restrições tanto na dimensão gramatical quanto na dimensão pragmática. A dimensão gramatical está diretamente relacionada à presença ou à ausência de sintagmas nominais lexicais, nas diferentes posições argumentais do verbo, a qual tem a seguinte

configuração: (**S**) sujeito do verbo intransitivo (**A**) sujeito do verbo transitivo e (**O**) objeto do verbo.

Em relação às restrições gramaticais: (1) dominam as orações que apresentam apenas um argumento lexical; (2) o argumento lexical de uma oração tende a ocorrer na posição de **O** ou **S**, mas não na posição de **A** (NEVES, 1997). Tendo em vista o *corpus* de análise podemos destacar a oração transitiva (6) para ilustrar essas duas restrições gramaticais proposta pela EAP:

(6) E eu<sup>(A)</sup> me queimei com uma panela no fogão<sup>(O)</sup>! (um argumento lexical)

Observamos que o argumento na posição de sujeito do verbo transitivo (**A**) é preenchido por um sintagma não lexical (no caso, em forma pronominal), enquanto o argumento na posição de objeto (**O**) é preenchido por um sintagma nominal lexical (no caso, por um sintagma nominal por um substantivo comum).

Por sua vez, a dimensão pragmática é relacionada à distribuição da informação nova pelos termos predicados, apresentando também duas restrições: (1) dominam as orações que apresentam apenas um argumento portador de informação nova; (2) o termo portador de informação nova tende a ocorrer na posição de **O** ou **S**, mas não na posição de **A** (NEVES, 1997). Tendo em vista o corpus de análise pode-se destacar a oração transitiva (14) para ilustrar essas duas restrições pragmáticas proposta pela EAP:

(14) E eu<sup>(A)</sup> uso o banheiro<sup>(O)</sup> e às vezes até  $\emptyset$  dou descarga<sup>(O)</sup>!

Observamos que nas orações transitivas acima, ambos os argumentos na posição de objeto direto (**O**) veiculam informação nova.

O quadro 1, a seguir, resume as restrições da estrutura argumental preferida:

Quadro 1: Restrições da EAP.

<b>RESTRIÇÃO GRAMATICAL</b>	<b>RESTRIÇÃO PRAGMÁTICA</b>
Um argumento lexical por oração, na posição <b>S</b> (sujeito do verbo	Um argumento portador de informação nova por oração, na posição <b>S</b> (sujeito

intransitivo) ou <b>O</b> (objeto).	do verbo intransitivo) ou <b>O</b> (objeto).
<b>A</b> (sujeito do verbo transitivo) não lexical.	<b>A</b> (sujeito do verbo transitivo) não novo.

Fonte: Da Autora 2019.

É importante destacar que na estrutura da EAP, as restrições desfavorecem a introdução de informação nova na posição de argumento **A**. Uma vez que a introdução de informação nova, normalmente, é fornecida por uma frase substantiva completa introduzida nas posições **S** ou **A**. Dessa forma, o papel do argumento **A** pode ser considerado como uma forma presa, diferentemente dos papéis dos argumentos **S** e **O** que possuem uma forma livre na oração (DU BOIS, 1985; 2003).

Entretanto, o foco deste trabalho é verificar se as restrições propostas por Du Bois (1985) se aplicam a textos em cuja constituição se articulam diversas semioses. A próxima seção apresentará as análises.

#### 4. Análises

Para a análise do teste da hipótese da EAP (DU BOIS, 1985), o *corpus* de análise foi formado por 9 tirinhas, a partir do conjunto da coleção de tirinhas do personagem Armandinho, do ilustrador Alexandre Beck. Com ilustrações claras e diálogos curtos as tirinhas do personagem Armandinho ganharam notabilidade em todo o Brasil, principalmente nas redes sociais.

Dessa forma, à luz de toda a revisão bibliográfica apresentada, a metodologia empregada nas análises consiste na observação e descrição dos aspectos linguísticos presentes na tirinha, especialmente a sua estrutura argumental preferida aplicada a textos que envolvem recursos semióticos. Sendo que nas tirinhas há o uso de linguagem verbal e não verbal para a construção de sentido. Buscamos analisar como estes fatores aliados à função intertextual do gênero e o uso de várias semioses implicam nas restrições gramaticais e pragmáticas da EAP.



Nessa perspectiva, serão apresentadas as análises tendo em vista as múltiplas linguagens de uma tirinha, sua função intertextual e conseqüente sua relação interativa com os leitores, bem como a importância dos usos das linguagens verbais ou não verbais, que elas utilizam para a produção de sentido.

Apresentamos a primeira tirinha:

Figura 2 – Tirinha 1.



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/><sup>1</sup>

No primeiro quadrinho da tirinha 1, temos uma oração que ilustra o caso de um argumento lexical por oração, preenchido pelo sintagma lexical “a educação vem de casa”. Porém, este argumento lexical é expresso na posição de **A**, não confirmando a restrição de ordem gramatical da EAP.

(1) A educação<sup>(A)</sup> vem de casa<sup>(O)</sup> (um argumento lexical)

No terceiro quadrinho temos a mesma configuração apresentada no primeiro:

(2) Porque muita gente<sup>(A)</sup> mora em apartamento<sup>(O)</sup> (um argumento lexical)

Em relação à restrição de ordem pragmática de no máximo um argumento novo por oração, ocorrendo na posição de **S** ou **O** e **A** não novo, não é confirmada, sendo que a oração (1) apresenta mais de um argumento novo, tanto na posição **A** como na posição **O**. Na oração (2) é confirmada a restrição de um argumento novo por oração, porém este argumento é expresso na posição **A**. Para além das restrições pragmáticas da EAP, cabe ao leitor inferir na leitura da tirinha seus conhecimentos de mundo, ou seja,

<sup>1</sup> Os direitos para o uso da tirinha foram cedidos pelo ilustrador Alexandre Beck.

entender que personagem está relacionando uma expressão muito usada “educação vem de casa” no seu sentido literal. Associando a origem da educação como um lugar específico em que pode ser adquirida, no caso somente em casa.

Apresentamos a próxima tirinha a ser analisada:

Figura 3 – Tirinha 2.



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Na tirinha 2, encontramos uma configuração argumental do verbo, de forma diferente da primeira tirinha analisada. No primeiro quadrinho temos uma oração transitiva direta com um argumento não lexical, preenchido por pronome na posição de **A**, sendo **A** portador de informação nova e presente na tirinha em forma de linguagem verbal e não verbal, na figura do pai do Armandinho.

(3) E quem você<sup>(A)</sup> acha que vai ganhar? (nenhum argumento lexical)

No segundo quadrinho, por sua vez, temos a configuração de uma oração intransitiva, com sujeito intransitivo (**S**) em posição pós-verbal. Já a posição de **O** é marcada por um argumento não lexical:

(4) ...<sup>(O)</sup>perdem imprensa, justiça e política<sup>(O)</sup>... em credibilidade... (três argumentos lexicais)

Já no terceiro quadrinho, a oração transitiva direta ilustra a menção do argumento na posição de **A** por sintagma não lexical e na posição de **O** temos um argumento lexical, confirmando assim a restrição gramatical da EAP.

(5) Ganham os<sup>(A)</sup> que querem o povo dividido<sup>(O)</sup>. (um argumento lexical)

Na configuração pragmática da EAP, a tirinha apresenta configuração diferente. Uma vez que temos informação nova tanto na posição de **A** e **O**, no primeiro quadrinho além de trazer uma informação nova, ela está presente no texto na forma de linguagem não verbal. Apesar de o argumento **A** ser representado por pronome ou estar omitido, este argumento traz informação nova para o texto. Cabe ao leitor fazer as inferências necessárias, tendo em vista o suporte onde esta tirinha foi publicada, a referência usada na terceira tirinha da imagem da televisão e o diálogo entre os dois personagens, ajudam ao leitor inferir as informações novas através de seus conhecimentos prévios, mesmo elas não sendo expressas por um sintagma lexical completo na oração.

A próxima tirinha nos permite continuar as reflexões sobre a EAP:

Figura 4 – Tirinha 3.



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

No primeiro quadrinho da tirinha 3, também temos a configuração de oração transitiva, um argumento não lexical (representado por um pronome) na posição de **A** e um argumento lexical na posição de **O**. Ambos os argumentos são portadores de informação nova, o argumento **A** também vem expresso na forma de linguagem verbal e não verbal (o menino mostrando a queimadura para seus amigos).

(6) E eu<sup>(A)</sup> me queimei com uma panela no fogão<sup>(O)</sup>! (um argumento lexical)

Na oração transitiva do segundo quadrinho já temos um argumento lexical na posição de **A** e um argumento não lexical na posição de **O**. Embora se confirme a restrição de um argumento lexical, observa-se, que este se configura na posição de sujeito do verbo transitivo **A** preenchido por sintagma nominal. Na mesma oração, ambos os argumentos **A** e **O** são apresentados com informação nova.

(7) Criança<sup>(A)</sup> na cozinha é perigoso<sup>(O)</sup> (um argumento lexical)

A partir da oração transitiva direta do terceiro quadrinho, temos um argumento lexical (representado por um pronome+ nome) na posição de **A** e um argumento lexical na posição de **O**, os dois também portadores de informação nova:

(8) Nossa casa<sup>(A)</sup> tem um cômodo só! Cozinha, quarto, sala<sup>(O)</sup>... É tudo junto! (dois argumentos lexicais)

Embora a restrição gramatical de um argumento lexical e **A** não lexical seja parcialmente confirmada, na oração (8), não se confirma a restrição de ordem pragmática de uma informação nova por oração e **A** não novo, uma vez que, ambos os argumentos são portadores de informação nova. Em relação às informações pragmáticas, também cabe ao leitor inferir informações novas que não estão presentes, em forma de linguagem verbal, no texto. Por exemplo, a partir da fala do personagem no terceiro quadrinho, cabe ao leitor saber que a referência é aos novos modelos de casa em que todos os cômodos são integrados no mesmo ambiente.

Apresentamos a próxima tirinha:

Figura 5 – Tirinha 4.



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Observamos na oração transitiva (9) um argumento lexical na posição de **A** e um argumento lexical na posição de **O**. Na estrutura pragmática temos dois termos portadores de informação nova na posição de **A**, representado somente através da linguagem verbal, mas sendo de fácil compreensão ao leitor, já o referente é a mãe do personagem.

(9) Sua mãe<sup>(A)</sup> vai ficar surpresa<sup>(O)</sup>, com certeza... (dois argumentos lexicais)

Na oração transitiva **(10)** temos um argumento não lexical (pronome) posição de **A** e um argumento lexical na posição de **O**. Na estrutura pragmática temos os dois argumentos portadores de informação nova, porém este termo ainda não é expresso claramente ao leitor, uma vez que não se sabe a quem se refere o pronome “ele”. Esta informação só é apresentada ao leitor no próximo quadrinho.

(10) E por que ele<sup>(A)</sup> está triste<sup>(O)</sup>? (um argumento não lexical e um lexical)

No segundo quadrinho temos na configuração da oração transitiva **(11)** lexical um argumento lexical, representado por sintagma nominal **SN**, na posição de **A** e um argumento lexical na posição de **O**. Nesta distribuição somente o argumento na posição **O** é portador de informação nova, uma vez que o argumento **A**, mesmo sendo um **SN**, já foi referenciado no primeiro quadrinho.

(11) Ora... Porque o lobo-guará<sup>(A)</sup> mora no cerrado<sup>(O)</sup>?... (dois argumentos lexicais)

No terceiro quadrinho a oração transitiva **(12)** apresenta um argumento não lexical e um argumento lexical preenchido por sintagma nominal **SN**. Ambos os argumentos são portadores de informação nova.

Porém para o entendimento da tirinha na informação nova apresentada na oração **(12)**, depende da inferência do leitor em saber quem são as pessoas que estão acabando com o cerrado, tendo em vista os conhecimentos de mundo de saber o grande avanço do desmatamento e uso intensivo dos recursos naturais desta área. No último quadrinho também é explicada a informação apresentada no primeiro quadrinho, o fato de por que mãe ficará surpresa, em forma de linguagem não verbal aparece o desenho que o personagem fez na parede, um lobo-guará, colaborando para a produção de sentido da tirinha.

(12) E estão<sup>Ø</sup> acabando com a casa dele<sup>(O)</sup>! (um argumento lexical)

Dessa forma, podemos observar que uso da linguagem não verbal também se faz um recurso essencial para a produção de sentido e que impacta diretamente em como as informações novas vão aparecendo no texto.

Apresentamos a próxima tirinha:

Figura 6 – Tirinha 5.



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

No primeiro quadrinho da tirinha acima, temos duas orações transitivas (13) com um argumento não lexical (proforma) na posição de **A** e um argumento lexical na posição de **O**. Na segunda oração temos argumento na posição de **A** (anáfora zero) e um argumento lexical na posição de **O**, confirmando dessa maneira a configuração gramatical da EAP. Em relação à distribuição pragmática, ambos apresentam argumento portador de informação informação nova, a qual seu referente ainda não é explicitado no texto, este será apresentado somente no próximo quadrinho. É interessante observarmos que apesar da informação aparecer na oração por um pronome “ele”, o ser referenciado está representado em forma de linguagem não verbal no próximo quadrinho. Porém tendo em vista os conhecimentos de mundo, o leitor pode fazer inferências no primeiro quadrinho para identificar o ser referenciado.

(13) Ele<sup>(A)</sup> é muito inteligente<sup>(O)</sup>! Sabe usar a caixinha de areia<sup>(O)</sup>! (dois argumentos lexicais)

Observamos na oração transitiva (14) a mesma configuração de ordem gramatical da oração transitiva (13). Já em relação à distribuição pragmática, somente os argumentos na posição **O** apresentam informação informação nova, sendo estes apresentados a partir da linguagem não verbal.

(14) E eu<sup>(A)</sup> uso o banheiro<sup>(O)</sup> e às vezes até dou descarga<sup>(O)</sup>! (um argumento não lexical +dois argumento lexicais)

No terceiro quadrinho também temos uma oração transitiva, porém sem um argumento lexical na posição de **A** e na posição de **O** temos um argumento lexical. Sendo somente o argumento na posição **O** portador de informação nova, e também causador do efeito cômico na tirinha.

(15) <sup>0</sup>Devo ser um gênio <sup>(0)</sup>! (um argumento lexical)

Observamos que a tirinha faz uso da linguagem não verbal para inserir informação nova no texto. Em momento algum é citada a palavra “gato” no texto, mas a representação do referente está presente na tirinha. É interessante também observarmos como através de um jogo de palavras a tirinha brinca com a interpretação do leitor, exigindo deste a ativação de seus conhecimentos de mundo para que compreenda a tirinha.

A seguir, outra tirinha:

Figura 7 – Tirinha 6.



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Na tirinha acima temos no primeiro quadrinho uma oração transitiva (16) com apenas um argumento lexical na posição de **O**. Sendo este argumento portado de informação nova, observa-se que há a falta de um argumento na posição **A**. Porém a falta deste argumento não afeta a compreensão do leitor, sendo que a tirinha faz uso da linguagem não verbal para contextualizar a situação. A partir da representação do personagem sentado em uma cadeira, com o caderno e a mochila ao lado, o leitor já pode inferir que o ambiente é uma sala de aula e a partir dos conhecimentos de mundo e possível saber que se trata de uma aula de história.

(16) E assim foi o descobrimento do Brasil <sup>(0)</sup>! (um argumento lexical)



(17) E a versão dos índios<sup>(O)?!</sup> (um argumento lexical)

Também na oração (17) temos a mesma configuração da oração (16), com apenas um argumento lexical na posição de **O** portador de informação nova. A partir da configuração da tirinha, apesar de não apresentar todas as casas argumentais dos verbos preenchidas, em nada é afetado o entendimento do leitor. Uma vez que, o leitor é capaz de inferir que nas aulas de história sobre o descobrimento do Brasil, geralmente, só é apresentada a perspectiva dos portugueses.

Dessa forma, percebemos que mesmo as orações não apresentando todas as posições dos verbos preenchidas com um **SN**, a construção de sentido não é afetada. A inserção de informação nova vai sendo apresentada na forma da linguagem não verbal e a partir das inferências que o leitor faz no texto.

Continuamos nossa análise a partir da próxima tirinha:

Figura 8– Tirinha 7.



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Na tirinha acima, observamos uma oração transitiva no segundo quadrinho. Configurada por um argumento não lexical (proforma) na posição de **A** e dois argumentos lexicais na posição de **O**, confirmando a restrição gramatical da EAP. Já a restrição pragmática não é confirmada, sendo ambos os argumentos preenchidos por informação nova. Aspectos não verbais também são usados para apresentação desta informação nova, cabe ao leitor ativar seus conhecimentos de mundo, de saber quem na história repartiu o pão e o peixe entre a multidão (no caso, Jesus). Essa inferência pode ser confirmada com aspectos presente de forma não verbal na tirinha como a árvore de natal que aparece no terceiro quadrinho.



(18) Ele<sup>(A)</sup> repartiu os pães e os peixes<sup>(O)</sup> entre a multidão... (um argumento não lexical e dois argumentos lexicais)

(19)... e houve o suficiente<sup>(O)</sup> para todo mundo.

No terceiro quadrinho não temos a configuração de uma oração completa. A posição de **A** não é preenchida, mas na posição de **O** temos um argumento lexical. Tal configuração oracional só faz sentido tendo em vista todo o contexto da tirinha. Continuamos a discussão, a partir da próxima tirinha:

Figura 9 – Tirinha 8.



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Observamos no primeiro quadrinho da tirinha uma oração transitiva, porém a posição de **A** representado por uma anáfora zero, e na posição de **O** um argumento lexical. Sendo o argumento na posição **O** portador de informação nova e apresentado também de em forma de linguagem não verbal na tirinha.

(20)<sup>Ø</sup> Viu como a plantinha<sup>(O)</sup> está murchando? (um argumento lexical)

Na oração transitiva (21) do segundo quadrinho, também temos um argumento na posição de **A** preenchido por anáfora zero, e na posição de **O** um argumento lexical, sendo que nenhum deles apresenta informação nova, uma vez que já foram apresentados.

(21)<sup>Ø</sup> Vou pegar um pouco de água para ela<sup>(O)</sup>!...( argumento lexical)

No terceiro quadrinho observamos uma oração transitiva (22) com a mesma configuração da oração (21). Porém, sendo o argumento em posição **O** portador de

informação nova e também responsável pelo efeito cômico na tirinha, visto que o leitor pode inferir que Armandinho está comparando a plantinha murcha com a velhice do pai.

(22)... E acho que  $\emptyset$  vou trazer um pouco pro senhor também<sup>(O)</sup>... (argumento lexical).

Por fim, apresentamos a última análise:

Figura 10 – Tirinha 9.



Fonte: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>

Observamos no primeiro quadrinho a configuração de duas orações transitivas (23) na qual, a primeira oração apresenta um argumento não lexical (proforma) na posição de **A** e um argumento não lexical na posição de **O**. Na segunda oração temos um argumento não lexical na posição de **A** (proforma) e um argumento lexical na posição de **O**, confirmando na segunda oração a restrição gramatical da EAP. Em relação à restrição pragmática, ambos os argumentos apresentam informação nova, sendo o leitor responsável por inferir essas informações no texto. Pelo contexto, o leitor entende que o pronome “ela” se refere a professora do personagem.

(23) Ela<sup>(A)</sup> me<sup>(O)</sup> viu colando e me<sup>(A)</sup> deu zero na prova<sup>(O)</sup>...( um argumento lexical)

No segundo quadrinho, por sua vez, a oração transitiva (24) não apresenta um argumento na posição de **A**, representado por uma anáfora zero, e um argumento não lexical na posição de **O**. Na oração somente o argumento na posição de **O** apresenta informação nova, visto que possivelmente quem vai para o olho da rua é a professora por ter dado zero para o aluno.

(24)  $\emptyset$  E agora vai pro olho da rua<sup>(O)</sup>! Bem feito! (nenhum argumento lexical)

Observamos no terceiro quadrinho a configuração de duas orações transitivas (25) na qual, a primeira oração apresenta um argumento não lexical (pronome) na posição de **A** e um argumento lexical na posição de **O**. Na segunda oração temos um argumento não lexical (pronome) na posição de **A** e um argumento não-lexical posição de **O**, sendo **O** o único termo portador de informação nova.

(25) Bem... eu<sup>(A)</sup> disse pro meu pai<sup>(O)</sup> que ela<sup>(A)</sup> bateu em mim<sup>(O)</sup>!

(26) Mano, isso<sup>(A)</sup> é golpe<sup>(O)</sup>! (um argumento lexical)

Já na última oração transitiva do terceiro quadrinho temos um argumento não lexical na posição de **A** e um argumento lexical na posição de **O**. Em relação à restrição gramatical, somente o argumento em posição **O** é portador de informação novo. Tal argumento exige que o leitor acesse seu conhecimento de mundo e associe o ato do aluno (visar somente a seu próprio interesse) com o conceito de golpe, para que a tirinha faça sentido.

A partir das análises efetuadas podemos apresentar o seguinte quadro-resumo em relação à EAP no gênero tirinha:

Quadro 2: Síntese das análises.

RESTRICÇÃO GRAMATICAL		RESTRICÇÃO PRAGMÁTICA	
Du Bois (1985)	Tirinha	Du Bois (1985)	Tirinha
Um argumento lexical por oração, na posição <b>S</b> (sujeito do verbo intransitivo) ou <b>O</b> (objeto direto).  <b>A</b> (sujeito do verbo transitivo) não lexical.	A partir das análises observamos que a maioria das orações apresentam apenas um argumento lexical. Porém este argumento pode ocorrer na posição <b>A</b> , o que demonstra uma flexibilidade deste argumento na	Um argumento portador de informação nova por oração, na posição <b>S</b> (sujeito do verbo intransitivo) ou <b>O</b> (objeto direto).  <b>A</b> (sujeito do verbo transitivo) não novo.	A partir das análises observamos que a maioria das orações apresentam mais de um termo portador de informação nova. A inserção de informação nova pode ocorrer na posição de <b>A</b> , tanto como um argumento lexical como não lexical.

	oração.		Observamos, também, que nem sempre o termo portador de informação vem expresso por meio da linguagem verbal, mas por meio de outros recursos semióticos.
--	---------	--	--

Fonte: Da Autora 2019

## 5. Considerações Finais

Este trabalho se propôs a discutir e analisar as hipóteses da estrutura argumental preferida no gênero textual tirinha, a partir de uma perspectiva funcionalista da língua. Na perspectiva funcionalista a estrutura gramatical é estudada com base nos diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas, assim consideramos a oração no ato da fala integrando, ao mesmo tempo, os componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos. Desta forma, um dos pontos norteadores para a discussão deste trabalho é a estrutura argumental preferida dos argumentos dos verbos.

Nessa perspectiva, este trabalho debruçou-se sobre a teoria da EAP proposta por Du Bois (1985), aplicando suas restrições gramaticais e pragmáticas no gênero tirinha. Dessa forma, para a investigação da proposta deste trabalho foram fixados e cumpridos os seguintes objetivos: (i) se a EAP, assim como proposta por Du Bois (1985) aplica-se a textos em que há a presença de várias semioses, como a tirinha; (ii) a função intertextual do gênero tirinha; (iii) a importância dos usos da linguagem verbal e não verbal no gênero tirinha para a produção de sentido.

Com base no teste da hipótese da restrição gramatical da EAP (evita mais de um argumento lexical por oração e **A** não lexical) nas tirinhas, que apresentaram maior frequência de orações transitivas diretas, apresentam os seguintes resultados:

1. A restrição de um argumento lexical por oração se confirma na maioria das orações analisadas nas tirinhas. Porém, nestas orações também observamos

orações com nenhum argumento e orações com dois ou mais argumentos lexicais.

2. A restrição de **A** não lexical se confirma na maioria das orações analisadas, sendo representado por pronomes ou na forma de anáfora zero. Entretanto, também foram analisadas orações transitivas que apresentavam argumento lexical em posição de **A**.

Com relação ao teste da hipótese de ordem pragmática da EAP (evita mais de um argumento novo por oração e **A** não novo) nas tirinhas, apresentam os seguintes resultados:

1. A restrição de um argumento novo por oração não se confirma no conjunto do *corpus*, havendo na maioria das orações analisadas mais de um argumento novo na oração, com ambos os argumentos (**A** e **O**) portadores de informação nova.
2. A restrição de **A** não novo, não se confirma no conjunto do *corpus*. A posição de sujeito transitivo (**A**) também é a posição preferida na estrutura argumental para a introdução de informação nova.

Verificamos, por outro lado, com a observação da relação entre as restrições gramaticais e pragmáticas da EAP no gênero tirinha, que a influência das várias semioses presentes nesse tipo de texto implica diretamente nas escolhas da estrutura argumental preferida. Observamos que além da estrutura oracional, o texto pode exigir que o leitor faça uso dos aspectos não verbais presentes no texto, em relação a restrição gramatical percebe-se que mesmo que um referente seja representado na oração por um pronome ou anáfora zero, ele pode estar representado na tirinha por meio da linguagem não verbal, por exemplo através de uma imagem do referente de quem se fala ou através de imagens que permitam ao leitor associar quem é ser referenciado na oração.

Observamos que em relação a inserção de um referente portador de informação nova, muitas vezes, ocorre por meio da linguagem não verbal no texto. Acrescentamos que neste gênero textual que se utiliza de várias semioses, o referente pode vir representado por um argumento não lexical, mas ser representado por uma imagem deste referente na tirinha.

Afinal, a partir do exame do conjunto dos dados e da discussão dos resultados, podemos entender que ficou testado, em textos do gênero tirinha, a hipótese da EAP com algumas discrepâncias que procuramos justificar segundo a natureza diferente do *corpus*. Esperamos que este trabalho tenha contribuído para pesquisas sobre a estrutura argumental preferida dos argumentos dos verbos, assim como os aspectos linguísticos que envolvem o ato da interação verbal.

## 6. Referências

ANTONIO, Juliano Desiderato. Estrutura argumental preferida: uma análise funcionalista dos padrões de uso dos argumentos dos verbos em narrativas orais e em narrativas escritas. **Estudos Lingüísticos**, 2007.

BECK, Alexandre. **Blog do Armandinho**. Disponível em: <<https://tirasarmandinho.tumblr.com/>> Acesso em: 24 out. 2019.

CUNHA, Angélica Furtado. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de Linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. P. 157- 176.

CUNHA, M. A. F.; TAVARES, M. A. Funcionalismo e Ensino de Gramática. Nata: Edufrn, 2016. p. 12 – 58.

DU BOIS, Jonh W.; Competing Motivations. In: HAIMAM, John (Ed.). **Iconicity in Syntax**. Amsterdam: Jhon Benjamins, 1985. p. 343- 365.

\_\_\_\_\_. Discourse and Grammar. In: TOMASELLO, Michel. **The New Pyschology of Language: Cognitive and Functional Approaches to Language Structure**. Vol II. New Jersey, 2003. p. 47 – 87.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: Jhon Benjamins, 1995. p. 1- 22.

MARTINS, Ana Paula Pereira. Funcionalismo linguístico: um breve percurso histórico da Europa aos Estados Unidos. **Domínios de Lingu@ gem**, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERON, Eliza da Silva Martins. Do verbal ou não verbal: o uso estratégico de tirinhas, charges e “posts” e sua importância para o ensino à luz dos pcn de língua portuguesa. **ARTEFACTUM-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia**, 2016.

